VI Encontro Discente de História da UFRGS

ISSN 1984-5634

"Livre, o samba faz escola": um olhar sobre a Corte negra educativa do Morro da Formiga

Phellipe Patrizi Moreira[1]

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

EDITOR-CHEFE:
Elisa Schneider Venzon

EDITORA-GERENTE:
Leandro Ferreira Souza

COMO CITAR:
Moreira, P. P. "Livre, o samba faz escola": um olhar sobre a Corte negra educativa do Morro da Formiga. *Aedos*, Porto Alegre, v. 16, n. 35, p. 221-227, jan.–jun., 2024.

https://seer.ufrgs.br/aedos/

Este texto é resultado de um projeto de pesquisa aprovado na seleção de doutorado de 2023 no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e tem como objetivo levantar questões sobre a influência exercida pelos termos império e educativa, presentes do nome do Grêmio Recreativo Escola de Samba Educativa Império da Tijuca (G.R.E.S.E.), na escolha dos enredos apresentados por esta agremiação em seus cortejos carnavalescos, bem como, nas ações sociais desenvolvidas no transcorrer de sua história.

Uma das principais fontes de pesquisa que fundamentam esse texto é o acervo da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional. Foi a partir desse portal que encontramos a primeira pista dessa investigação: a matéria *Sambar não é só sambar* de escrito pelo jornalista Francisco Duarte, publicada, no dia 16, fev. 1980, pelo *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16, fev. 1980. Caderno B, p.6, em que um dos fundadores da escola, o compositor Sinval Silva justifica a escolha do nome completo da agremiação, termo a termo.

Em outra matéria, mas dessa vez mais recente, em outubro de 2010, a escola de samba ganha uma página inteira da revista *Esquina Grande Tijuca*. Com o título *Um império do ensino no Morro da Formiga,* a especificidade de carregar "Educativa" é uma das principais pautas da reportagem de Gustavo Borges cujo conteúdo anuncia: "A principal preocupação no momento da fundação era o ensino. Na época, prestes a completar setenta anos, a data foi celebrada com garantia da continuidade de projetos sociais e culturais fomentados pela escola.

1 Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Formação de Professores (UERJ/FFP). Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2547-7764. E-mail: phellipe.patrizi@gmail.com.

Assim como esses artigos em revistas e jornais, pretendemos descobrir outras fontes para fundamentar a tese de que a história do G.R.E.S.E. Império da Tijuca é atravessada pela pauta educativa, desde a escolha dos enredos, as ações sociais realizadas na quadra de ensaios. Além de investigar o possível entrelaçamento entre a agremiação, a educação e as relações étnico-raciais, no decorrer de seus oitenta e dois anos.

"O SAMBA É SABEDORIA. NO MORRO DA FORMIGA, MINHA INSPIRAÇÃO": ENREDOS, BATUQUES E HISTÓRIAS

No decorrer das primeiras décadas de seu florescimento, as agremiações cariocas se consagraram com uma das principais mobilizadoras dos princípios afrodiaspóricos experenciados nos terreiros das tias baianas e de produção de saberes dialógicos com instituições de ensino. Essa premissa pode ser corroborada ao nos debruçarmos sobre a história do Grêmio Recreativo Escola de Samba Educativa (G.R.E.S.E) Império da Tijuca. Situada no Morro da Formiga, no bairro da Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro, agremiação ostenta em seu pavilhão a expressão educativa, evidenciando o seu compromisso, desde a sua fundação, no dia 8 de dezembro de 1940, de potencializar a função social da educação para além dos ambientes canônicos. Por meio de seus cortejos e de ações comunitárias no entorno da quadra, Império da Tijuca tem se assentado como sentinela das histórias e culturas afro-brasileiras e africanas.

Em entrevista ao jornalista Francisco Duarte, do *Jornal do Brasil,* um dos fundadores da escola, Sinval Silva destacou a adoção de cada um dos termos que compõem o nome da agremiação. Na matéria intitulada *Sambar não é só sambar,* o sambista destacou:

> Grêmio, porque aquilo era um prolongamento de nossos lares. Recreativo, porque um dos seus objetivos era divertir. Escola de samba, porque era para ensinar samba, mesmo. Educativa, e aí este seu símbolo, porque realmente educava, abria espaço para que seus frequentadores pudessem progredir na vida. O império tem uma história mais comprida, mas a intenção era deixar claro que a escola era mais fechada, para ser dirigida por um grupo só, tudo com muita hierarquia. Um dia talvez chegasse a se transformar em república, como aconteceu com o Brasil, mas no começo era mesmo um império. Finalmente, Tijuca, em homenagem ao nosso bairro. (16 fev. 1980, Caderno B, p. 6)

É interessante pensarmos como o nome de uma escola de samba, situada em uma favela carioca, pode estar vinculado ao período imperial brasileiro. Segundo as palavras do sambista, a prerrogativa pela escolha da expressão se relaciona ao regime monárquico em virtude da restrição do comando da agremiação a um grupo familiar e não a uma prática democrática em que se realiza um pleito para eleição de um presidente. Em contrapartida, devemos sinalizar que as escolas de samba são associações fundadas aproximadamente três décadas após a instauração da república no país, ocorrida a partir de um golpe de Estado em 15 de novembro de 1889, sob égide das lideranças militares, sem quaisquer indícios de participações populares e de ex-escravizados. Devido a esse perfil excludente, historiador José Murilo de Carvalho nomeou uma de suas obras como Os *bestializados: Rio de Janeiro e a República que não foi* (1987).

O historiador nos ajuda a compreender o contexto social em que decorreu a passagem do período imperial para o republicano, marcado pela exclusão social, cujo governo era comandado por membros das elites e não escolhido pelas massas populares. Os ventos de bonança de um novo amanhã perderam o fôlego. A novidade trazida pela república não representou profundas mudanças no cenário político

e econômico brasileiro. Sinval aborda a possibilidade "de quem sabe um dia" se tornar uma república como o país. Nessa transição de império para regime republicano, seriam os moradores da Formiga que proclamariam essa república?

Atualmente é a família Teles quem comanda a agremiação. Embora o cargo de Presidente seja exercido por um morador da comunidade, o Antônio Marcos Teles, conhecido como Tê, ele ocupa essa função desde 2004, quando a escola desfilava no antigo Grupo B, atual Série Prata do carnaval carioca; sua filha, Laynara Teles, é rainha da Sinfonia Imperial, apelido dado à bateria da verde e branco, desde 2005 e seu outro filho, Luan Teles, ocupa a direção de carnaval desde 2015. A presença dos Teles é tão significativa na história da agremiação, ao ponto do bordão "Presidente Tê, a Formiga é você!", cantado frequentemente pelos intérpretes que compõem o carro de som ou já passaram pelo microfone oficial.

As questões levantadas a partir do texto escrito por Duarte (1980) vão ao encontro das inquietudes iniciais dessa pesquisa, sobretudo, acerca da problematização da história de uma escola de samba carioca, florescida cinquenta e um anos após a Proclamação da República, pode ter o seu nome vinculado ao Império, de forma inédita, bem como, sucedeu com o termo educação, acrescido ao seu nome desde a fundação. O pioneirismo do Império da Tijuca foi ressaltado em outra parte da reportagem, em que o autor afirma ser esta "uma escola onde a preocupação com a comunidade tinha o mesmo peso conferido ao carnaval" (*Jornal do Brasil,* 16, fev. 1980, Caderno B, p. 6), afirmação esta reiterada com a divulgação do funcionamento de uma escola de 1° grau (atual Ensino Fundamental) em dois turnos (tarde e noite) na quadra da escola além de cursos de culinária, corte e costura. A quadra também abrigou um grupo de jovens escoteiros, moradores da Formiga e áreas adjacentes como Morro da Casa Branca e da Muda, denominado Tropa José do Patrocínio, nome dado em homenagem ao farmacêutico, jornalista e liderança política dos movimentos abolicionista.

A preocupação por parte dos fundadores do Império da Tijuca de promover uma educação, cujo propósito era "progredir na vida", pode estar associada ao contexto histórico em que a agremiação fora criada e a conjuntura política em que a matéria foi publicada. No primeiro cenário, nos deparamos com uma ditadura capitaneada pelo então presidente do Brasil, Getúlio Vargas, denominada Estado Novo (1937-1945), no qual a cartilha propagada nas escolas de da exaltação dos valores cívicos, morais e patrióticos. O ano de 1980, época da publicação, se insere novamente em um regime ditatorial brasileiro, dessa vez deflagrada por grupos civis-militares que tomaram o poder em 1964, após a deposição do então presidente João Goulart, e permaneceram no poder durante vinte um. Períodos como esses, marcados pela censura e pelo autoritarismo, uma agremiação abraçar tais ideias evidencia a sua habilidade de negociação perante as instâncias governamentais. As fronteiras são ora diluídas, ora fortalecidas, manifestam-se em constante movimento dialógico e transculturais, como prova o enredo do carnaval de 1971, "Misticismo da África para o Brasil", considerado pelos pesquisadores Fábio Fabato e Luiz Simas (2015), como o primeiro tema monográfico a passar pela avenida sobre religiões de matriz africana, assunto este alheio aos interesses do nacionalismo exacerbado dos regimes autoritários que vigorante no país.

Ainda sobre a pauta política, o entendimento errôneo e oportunista de que as palavras "comunitário" e "comunitarista" possuem significados semelhantes gerou problemas para a escola da Formiga e para a resolução de tal impasse, foi necessário, mais vez, recorrer ao poder de negociação com o poder público, fugindo assim, do entendimento de que as escolas de samba são apenas lugares de resistências.

Se o primeiro termo está atrelado a algo relativo à comunidade, em que prevalece o sentimento de comunidade; já o segundo, está envolto de uma discussão conceitual que se coloca como oposição ao individualismo exacerbado pregada pelo liberalismo. A bandeira nacional doada pela polícia aos escoteiros da Tropa José do Patrocínio no final da década de 1940 exemplifica as tensões vividas da época, relata Sinval em outra parte da matéria do *Jornal do Brasil.*

Em um sábado, a quadra foi tomada por agentes policiais, após estes receberem uma denúncia anônima de que naquele espaço se articulava um grupo comunistarista. Ao adentrar a sede, os guardas relutaram em ouvir os sambistas que, incansavelmente, tentavam explicar que o propósito da escola era atender as demandas da comunidade e não estava vinculada com os ideais defendidos pelo fundador do por Luís Carlos Prestes, acabara de deixar a prisão e realizar um comício no campo do time de futebol do Vasco da Gama, em São Januário, também localizado na Zona Norte da cidade, próximo ao bairro da Tijuca, onde se situa a quadra de ensaios do Império da Tijuca.

Práticas como de "cruzadas ideológicas", tal como narradas acima, eram frequentes. Naquele contexto da bipolaridade da Guerra Fria, o fantasma que assolava era o comunismo. O conflito por zonas de influência entre os Estados Unidos (capitalista) e a União Soviética (socialismo) refletiu na quadra da escola, uma vez o Brasil se alinhava com a política capital-desenvolvimentista norte-americana. O desfecho desse episódio é relatado à coluna do *Jornal do Brasil* por Manuelzinho, sobrinho de Mário Ribeiro, proprietário de uma chácara especialista em plantas ornamentais na região. Ele lembra que os policiais foram conduzidos até a sala de aula, à tropa escoteira, aos materiais de acampamento, às máquinas de costura e perceberam que a denúncia não tinha fundamento. Como forma de se desculpar pelo ocorrido, presentearam a escola com uma bandeira nacional.

O texto apresenta também a fala de um integrante da velha guarda, Antônio Almeida, que narra como iniciou o seu amor pelo samba. Ele recorda que, por volta de 1947, seus filhos estudavam gratuitamente em uma escola que funcionava na sede da G.R.E.S. Unidos da Capela, em Parada de Lucas, outro bairro da zona norte. Devido à frequência com que ele visitava o lugar, aos poucos foi se apaixonando pelo carnaval. Defendendo o papel comunitário e pedagógico do samba, ele argumentou:

> Nós, da velha guarda do Império da Tijuca, passamos quase 40 anos até termos a chance de reafirmar como foi o nosso passado voltado para a massa que nos apoiava. O difícil é ser reconhecido. Samba e carnaval têm que ser unicamente cultura e mensagem de ensinamento. Confio nos que acreditam em fraternidade. Sambar não é só sambar. (16 fev. 1980, Caderno B, p. 6)

Nas palavras de Antônio ganha relevo a missão pedagógica da agremiação do Morro da Formiga desde a sua fundação: a educação. No entanto, não podemos generalizar a perspectiva de que todos os enredos das escolas de samba possuem uma exaltação crítica e política ao contexto social. Todavia, o próprio cortejo das agremiações carnavalescas na Passarela do Samba é um ato de resistência, visível quando analisamos o cotidiano de luta pela sobrevivência das comunidades nas quais estão inseridas e o seu histórico advindo das camadas populares e marginalizadas da sociedade brasileira. Dessa forma, o enredo apresentado torna-se o fio condutor e o motor principal de todo potência pedagógica e cultural de uma escola de samba. Nesse sentido, que as agremiações se transformam em livros abertos cujo foco não é os autores das histórias, mas lançar na Avenida, discursos a serem debatidos e conhecidos pelo grande público. Portanto, as escolas de samba podem ensinar por meio de suas artes/criações, não podendo ser entendidas somente a espaços de recreação, inversão de papéis e transgressões.

Corroborando a importância pedagógica do samba, o então carnavalesco da agremiação, Guilherme Estevão apresentou na sinopse do enredo uma escrita-homenagem a escola e a alguns de seus enredos mais emblemáticos da trajetória da escola. No ano em que celebrou oitenta anos de sua fundação (1940-2020), o Império da Tijuca, sem se esquecer do cuidado com a educação da comunidade, lançou o enredo *Quimeras de um eterno aprendiz* assinado pelo então carnavalesco Guilherme Estevão. A proposta da escola foi narrar à história do pedreiro Evandro dos Santos, conhecido popularmente como Homem-livro. O Carteiro Literário, morador do bairro da Vila da Penha recolheu mais de 55 mil livros pelos lixos da cidade e com eles, construiu a biblioteca comunitária Tobias Barreto projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer.

No limiar desfile, o carnavalesco teceu uma homenagem aos grandes educadores brasileiros Paulo Feire, Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes, Maria Nilde Mascellani e Anísio Teixeira. Já no último setor da escola, Estevão retratou a própria história da agremiação com a educação, com destaque ao momento de fundação da verde e branco do Morro da Formiga, que sediou uma escola de alfabetização. Em entrevista inicial ao autor desse projeto, como forma de encontrar novas pistas, o então carnavalesco da agremiação, relatou:

> Vejo escola de samba como uma entidade recreativa e cultural. Mas para, além disso, sempre vi como pesquisador e, como profissional que sou hoje, um instrumento pedagógico e talvez seja essa a maior relação com educação do professor. Eu acho que a escola de samba tem que gerar algum tipo de reflexão, algum tipo de construção, de algum saber. Ela transmite uma série de informações e, de alguma maneira, se constrói e ali na avenida pelo entendimento de cada um dos espectadores e pela forma como a escola passa aquela mensagem. Então eu acho que esse caráter é fundamental e é por muitas vezes, não é visto com tanta relevância até para os sambistas e de uma maneira geral, pela sociedade. A escola de samba acaba sendo vista apenas como um espaço de extravasar, de inversões. Enfim, um espaço de recreação e não como um espaço de conhecimento. (Guilherme Estevão, *Entrevista*, 2022)

Um dos problemas enfrentados atualmente pelas escolas de samba é desvalorização por parte da prefeitura, pois não enxerga a potencialidade turística, econômica, cultural e educativa dos desfiles. A imagem popularmente vinculada aos desfiles se restringe as aos corpos seminus e da alegria. Esses elementos de fato fazem parte da festa momesca, porém não se limita apenas a isso. Em razão disso, uma das primeiras tarefas desse desafio é compreender uma gestão democrática em todas as esferas da sociedade e ampliar a compreensão dos espaços formativos. Como conta, o então carnavalesco do Império da Tijuca, atualmente no G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira:

> O barracão não deixa de ser uma escola, porque no barracão é uma troca de conhecimento, uma troca de aprendizado e a construção de um projeto. Eu acabo sendo uma espécie de professor também. Só que ao mesmo tempo eu sou aluno, porque muitas vezes os profissionais conhecem uma série de coisas que eu não conheço, me ensina. Mas sou eu que tenho que, de alguma maneira direcionar um caminho para eles. Então é trocar super gostosa e superinteressante. Eu acho que de tudo é o que as pessoas não enxergam, porque não tem acesso, mas talvez seja o mais rico de todo o processo de construção no carnaval (Guilherme Estevão, *Entrevista*, 2022).

Na concepção da professora-pesquisadora Cristiana Tramonte (2001), as agremiações carnavalescas são, portanto, espaços formativos e educativos, onde a dimensão da cultura encontra-se no cerne das relações mediatizadas pelo mundo, como ressaltou o patrono da Educação brasileira, Paulo Freire. Nesse

sentido, para os sambistas/carnavalescos a produção de um conhecimento é gestada na coletividade, oriundo das práticas sociais e do viver em comunidade. Nessa busca de compreender os processos educativos organizativos dos agrupamentos sociais denominados escolas de samba. A autora ressalta também que a perspectiva pedagógica envolta nesse processo não se atenta apenas à apropriação de saberes, mas a uma construção de enlaces sociais matizados culturalmente. Nessa simbiose político-pedagógica, percebemos que é nas relações sociais que nos educamos mutuamente. Em razão disso, entendo os espaços institucionalizados de educação não como os únicos detentores do conhecimento sistematizado e acumulado pela sociedade. Pensamos o conhecimento como uma via de mão dupla escola-comunidade, que circula tanto de dentro para fora, quanto de fora para dentro, um conhecimento que atravessa os muros, que coloca em diálogo, diferentes cosmovisões, que se constrói a partir do vivido, do caminhar e da experiência.

O estudo do samba e de outros patrimônios negros presentes nas culturas do entorno de um espaço educativo é um caminho fértil para a desconstrução dos saberes hegemônicos, individualistas e oligárquicas e para a potencialização dos saberes emancipatórios coletivos, comunitários e antirracistas. Para a descolonização dos conhecimentos históricos também é importante salientar o papel da educação na pluralidade dos espaços educativos, desde a família, os cotidianos escolares, incluído as quadras e barracões das agremiações.

Em razão dessas reflexões iniciais e dos possíveis entrelaçamentos entre o Grêmio Recreativo Escola de Samba Educativa Império da Tijuca, a educação e as relações étnico-raciais no transcorrer de trajetória da agremiação, uma vez que, desde sua fundação, a referida escola tem se preocupado em ofertar ações pedagógicas para sua comunidade e isso pode ser encontrado nas narrativas propostas pela verde e branco, tais como: *Suprema Jinga - Senhora do trono Brazngola* (2010), *Negra, pérola mulher* (2013), *Batuk* (2014), *O Império nas águas doces de Oxum* (2015), *Império do Café, o Vale da Esperança (2019), Quimeras de um eterno aprendiz* (2020), *Samba de Quilombo - A resistência pela raiz* (2022) e *Cores do Axé* (2023). Sambas de enredos estes que costumam ser os mais cantados nas apresentações da escola e nos ensaios de quadra.

Dentre as hipóteses que atravessam a pesquisa, podemos destacar as seguintes: O termo Império, escolhido como nome agremiação, embora esteja associado ao tempo dos imperadores no Brasil (1822-1889), retrata o pensamento cívico-militar da época em que fora fundado o Império da Tijuca, em diálogo com a proposta estadista da Era Vargas (1930-1945), no qual, o samba tornava-se como um dos principais elementos constituintes da chamada brasilidade. A partir desse processo de negociação por parte das escolas de samba, com as instâncias governamentais, o Império da Tijuca, criado em 1940, e o Império Serrano, os primeiros impérios do samba, podem ter absorvido o ufanismo que pulsava na época, com a finalidade de serem reconhecidos pelos governantes.

Outro ponto gira em torno da opção pelo termo "Educativa". Pensamos que esta pauta defendida pela escola pode ser um dos fatores determinantes nas definições dos enredos desenvolvidos pela agremiação e, por se tratar de uma comunidade carioca, em que a maioria dos moradores é negra, a sucessão de temas africanos e/ou afro-brasileiros, evidencia a preocupação da verde e branco de narrar histórias que desperte o interesse e que contribua para a construção do pertencimento étnico-racial dos moradores da comunidade.

REFERÊNCIAS

BORGES, Gustavo. "Um império do ensino no Morro da Formiga". *Esquina Grande Tijuca.* Rio de Janeiro, outubro de 2010, ano 2, n° 9, p. 5. Disponível em: https://issuu.com/agenciauva/docs/esquina_09. Acesso em: 19 mar. 2023.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DUARTE, Francisco. "Sambar não é só sambar". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16, fev. 1980. Caderno B, p.6. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/030015/per030015_1980_00312.pdf . Acesso em: 19 mar. 2023.

SIMAS, Luiz Antônio; FABATO, Fábio. *Para tudo começar na quinta-feira: o enredo dos enredos.* Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2015.

TRAMONTE, Cristiana. *O samba pede passagem*: *as estratégias e a ação educativa das escolas de samba.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

UM morador da comunidade assume a presidência do Império da Tijuca e leva a escola à elite do carnaval. Revista Explosão in samba, 2018. Disponível em: <https://www.revistaexplosaoinsamba.com.br/post/2018/05/04/um-morador-da-comunidadeassume-a-presid%C3%AAncia-do-imp%C3%A9rio-da-tijuca-e-leva-a-escola-%C3%A0-elite>. Acesso em: 01, abr. 2023.

Entrevista

ESTEVÃO, Guilherme. *Guilherme Estevão: entrevista.* Entrevistador: Phellipe Patrizi Moreira. Rio de Janeiro, 2022. 1 arquivo. Mp3 (15 minutos e 33 segundos).